

A SUBJETIVIDADE E O CONTEXTO SOCIAL NA FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

Mario Augusto da SILVA - Acadêmico de Letras-português (UEL)¹⁴

Weslei Chaleghi de MELO - Mestrando em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza (UTFPR/UEL)¹⁵

RESUMO: Esse artigo foi pensado a partir da problemática: a relação do “eu” aluno, mundo, escola e leitura. Com intuito de acalorar as reflexões acerca do papel das escolas burguesas e não-burguesas no processo de formação do leitor e as interferências do contexto social sobre o assunto. Essa pesquisa buscou em um primeiro momento alguns autores que trazem em seu bojo a temática da formação do leitor enquanto cidadãos. Para isso, utilizamos como fontes primárias: Freire (2018), Martins (2007) e Fulgêncio e Goulart (1996) que lidam com a problemática da leitura. Em seguida, a metodologia pautou-se de forma interpretativista, refletindo sobre os conceitos estudados e estruturando-os de forma sistêmica neste trabalho. Estabelecemos nesta pesquisa uma visão acerca da leitura e os impactos que o meio social e as instituições de ensino exercem sobre ela de maneira positiva ou negativa, dando ênfase nos conhecimentos prévios de mundo que os leitores a quem nos referimos possuem e como este fato transforma o processo de formação de sua subjetividade enquanto sujeito autônomo. Com isso, percebemos que a desigualdade social, e a reprodução de modelos prontos dividido entre educação burguesa e não-burguesa afeta na construção do saber leitor e, conseqüentemente, na formação do cidadão.

Palavras-chave: Formação do leitor crítico; subjetividade; contexto social.

¹⁴ marioaugustosilva99@gmail.com

¹⁵ weslei@alunos.utfpr.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A leitura é imprescindível para a formação do indivíduo, inculcando no aluno uma visão analítica do seu dia a dia. Ler não se restringe somente a escrita, pelo contrário, a leitura de mundo precede todo esse processo, caracterizando-se como uma ferramenta na busca pelo saber sistemático e profundo. Com isso, entende-se que a formação do “EU” também se dá por um viés social, um constructo de interações que internalizamos e que manifesta-se pela leitura.

As relações “eu” aluno, mundo, escola e leitura são os pilares que sustentam o pensamento regente desta pesquisa e, pensando nessas relações, serão levantadas séries de reflexões e constatações acerca da formação do leitor crítico levando em consideração a influência ideológica das escolas (burguesas e não-burguesas) no processo de formação, não só do leitor, mas também do cidadão. Partindo desses princípios, objetivamos refletir sobre a problemática de como o meio social influencia diretamente na formação do leitor reflexivo, e como a escola compreende e lida com esse fenômeno.

Essa temática justifica-se pela necessidade de trazer para debates acadêmicos assuntos pertinentes como esse, pois, como sabe-se, a escola enquanto instituição social tende-se a afetar na vida dos sujeitos podendo ampliar seus conhecimentos e, na pior das hipóteses, podá-los ao negligenciar seu poder em potencial de formar cidadãos efetivamente letrados em diversas esferas da sociedade, de modo que ele possa agir ativamente como agente transformador de seu meio.

Não é do interesse desta pesquisa adentrar-se nas problemáticas históricas de formação e consolidação das escolas, mas sim, a partir de uma análise interpretativista de viés marxista, questionar e problematizar o motivo dos grandes números de desprovimento de criticidade dos alunos.

A metodologia utilizada nesta pesquisa, assume caráter qualitativa/bibliográfica. Primeiramente, buscamos aferir na temática, pesquisando e buscando fontes primárias em autores que tratam de forma relevante questões ligadas ao contexto social e a formação leitora. Em seguida, refletimos sobre os dados observados e traçamos um paralelo entre os autores, tendo como eixo central os pontos em comum que eles dialogam. O presente artigo emerge a partir de interpretações e reflexões que foram impulsionadas por inquietações como: quais significações a leitura pode atribuir e, conseqüentemente, contribuir na formação do leitor crítico?

No anseio de atender essas “inquietações”, esta pesquisa organiza-se tendo como primeira seção a intenção de discutir a atribuição de significado que as pessoas exprimem em suas leituras de acordo com suas vivências. O segundo tópico vem tratar de questões ligadas a influência dos estímulos recebidos do meio por diversas interações sociais como a relação autor/obra/leitor/meio. A última divisão trata-se de como a instituição escola, ideologicamente, influência na formação do leitor/cidadão e quais as conseqüências dessa ação no processo de estabelecer criticidade à leitura.

2 LER É ATRIBUIR SIGNIFICAÇÃO

Responsável em parte pela formação do indivíduo, a leitura é influenciadora do “eu”, as interpretações de atos, análises de sociedade e impressões do mundo sensível respaldam-se na leitura. Segundo Bakhtin (2003), “Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc.” Ou seja, elucidamos aqui a severa importância das práticas sociais de leitura enquanto motora para o fazer leitor crítico, ligadas, por meio da linguagem, na constituição do sujeito concretizada a partir da relação com o outro.

Entretanto, não somente desta relação com o outro que a escola deve se preocupar. Como defende McLuhan (1969), o meio é a mensagem, porque também é conteúdo. Se o que está sendo discutido em sala de aula não for tangível à realidade do aluno, tampouco este conseguirá dar significação ao que está em debate, pois não há um referencial do conteúdo em debate em sua realidade, ou seja, não consegue estabelecer coerência ao discurso veiculado. Apropriando-se da sua teoria, aplicamos isso ao meio social e cultural dos estudantes enquanto conteúdo para o fazer leitor, porém, isso será discutido mais profundamente na próxima seção.

A leitura, como entendemos neste trabalho, não tange somente a mera atividade visual, podemos afirmar, a partir disso, segundo Fulgêncio e Liberato (1996), que é um resultado da interação entre informação visual (IV) e informação não-visual (InV), compreendendo como informação não-visual não somente o que diz respeito à língua, mas também aos conhecimentos de mundo que o indivíduo possui mediante a própria realidade em que está inserido. Dito isso, se o meio é também conteúdo e a leitura é resultado da interação entre IV e InV, torna-se claro que a vivência em sociedade do aluno influencia precisamente no processo de significação do discurso, o que muitas vezes é ignorado dentro do processo de formação de leitores.

2.1 O CONTEXTO SOCIAL E A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

A leitura como prática essencial exerce diversas funções na sociedade, tais como: tratamento da informação, desenvolvimento das potencialidades comunicativas e, até mesmo, para adquirir novos conhecimentos. A sociedade se constitui por uma diversidade cultural muito rica, subjacente aos conjuntos de sujeitos que relacionam-se em organizações regidas por regras distintas de cada povo em um tempo e espaço.

Partindo dessa ponderação, podemos refletir acerca das relações entre o contexto social do indivíduo e sua formação como leitor. Os paradigmas educacionais contemporâneos demandam de cidadãos que de fato possuam aparatos de

conhecimentos que possibilitem a ampliação de sua criticidade nas diversas situações do dia a dia.

Para entender melhor a relação entre o contexto e a formação do leitor, é necessário compreender que o sujeito emprega em sua leitura interpretativa elementos de sua cultura, ao mesmo tempo que apropria-se de novas perspectivas. Nessa perspectiva, o meio social influencia diretamente na significação do leitor sobre a obra.

(...) o mundo social é “filtrado” para o indivíduo. Assim, as crianças das classes inferiores não somente absorvem uma perspectiva da classe inferior a respeito do mundo social, mas absorve esta percepção com a colaboração particular que lhe é dada por seus pais. (BERGER & LUCKMANN, 1985, p. 176).

Partindo da análise dessa afirmação, percebemos a ligação direta entre o meio em que o sujeito está inserido, estímulos recebidos, e sua construção de sentido por meio da leitura. Freire (2018) a leitura tem como função, além de estabelecer a comunicação entre indivíduos, reforçar sua capacidade crítica. É factual que pessoas com condições sociais diferentes possuem sentidos distintos.

Martins (2007) postula que a leitura como um processo amplo, utiliza-se de diversos recursos aplicados ao processo de compreensão, como por exemplo, os aparatos sensoriais, culturais, econômicos, políticos, entre outros. Essa ideia é complementada por Orlandi (1996) ao dizer que esse processo não pode restringir-se apenas na relação leitor/texto, mas abarca todas as condições que dialogam diretamente ou indiretamente com a produção e recepção do texto.

Ler é muito mais que extrair informações a nível estrutural do texto. É apropriar-se dos diversos significados que o meio social pode exercer sobre o ele. Nessa essa relação é importante lembrar que contexto de produção influenciará em sua significação, em seus aspectos de intencionalidade, aceitabilidade, informatividade,

entre outros elementos que mesmo que de forma subjetiva modifica a estrutura da linguagem utilizada.

3 A CLASSE DOMINANTE E A EDUCAÇÃO

Enquanto primeira condição básica para o exercício da cidadania, a aprendizagem reside, principalmente, nas escolas, entretanto, não é possível dizer que esta reside de forma igualitária em função da meritocracia de cada indivíduo. Como pontua Antônio Nóvoa (2009), tem-se, então, dois tipos de escolas. schola

Um dos grandes perigos dos tempos atuais é uma “escola a duas velocidades”: por um lado, uma escola concebida essencialmente como um centro de acolhimento social, para os pobres, com uma forte retórica da cidadania e da participação; por outro lado, uma escola claramente centrada na aprendizagem, e nas tecnologias, destinada a formar os filhos dos ricos. (NÓVOA, 2009, p. 64).

Mais do que uma escola destinada a aprendizagem, a classe dominante está destinada a impor suas ideologias enquanto verdades dentro da sociedade capitalista, tal como a educação dessas escolas burguesas aparece como aparato para a manutenção do poder. Para a libertação dos oprimidos que presta a educação a ser defendida nesta seção.

A partir de Freire (2018), consegue-se colocar em debate a escola como centro de acolhimento social para os pobres que diz Nóvoa. Conscientiza e politiza. O método de Paulo Freire, segundo Fiori, no prefácio de “Pedagogia do Oprimido” (2018), não coloca em inimidade educação e política, entendendo que é a educação que conscientiza sobre as contradições do mundo, ou seja, a educação como prática de liberdade.

Dessa visão entre dois tipos de escolas, podemos dizer, que a educação se encontra em conflito entre a cultura e a barbárie. Para Silva (2011), o sistema capitalista aponta a educação no âmbito das contradições sociais onde fora transformada em mercadoria, a crescente política de privatização do ensino preocupa quanto ao desempenho e eficiência da educação, resultado da problemática nada circunstancial do capitalismo avançado.

O estudante que está inserido na rede pública de ensino no contexto mercadológico da educação, vítima dos crescentes números de privatizações e precariedades do ensino, não exercerá sua cidadania como a sistema educacional teoricamente espera que o exerça. Este, com todo seu conhecimento de mundo negado e sua realidade descartada, não fará do mundo uma leitura crítica, pois isso a ele nunca foi ensinado.

As práticas de leitura devem, primordialmente, se ater às suas práticas sociais e aos impactos no meio em que o sujeito está inserido, pois o indivíduo altera o meio, assim como o meio ao indivíduo. Por isso a preocupação de uma leitura crítica onde não exista inimizade entre educação e política, entendendo que, a política é o mecanismo necessário para a mudança na sociedade e, conseqüentemente, na realidade do aluno.

CONCLUSÃO

Percebemos com essa pesquisa que a escola como uma instituição social tende a reproduzir moldes estabelecidos pela classe dominante, de forma a mantê-la no poder. A superação desse paradigma requer sujeitos atuantes e participativos socialmente. Nessa conjectura percebemos o papel da leitura na emancipação do indivíduo e no desenvolvimento de sua autonomia argumentativa e opinativa, sendo premissas indispensáveis na construção de uma sociedade mais justa.

Ler é muito mais que um exercício de mera decifração, é o leitor extrair experiência por meio de significações adquiridas pela estética da obra. Pois lemos na medida em que damos significado para o texto, essa é a essência da leitura enquanto prática social. Podemos perceber que o contexto social interfere nesse processo, uma vez que todas as experiências singulares de leitor modificarão sua percepção acerca de suas leituras e suas atribuições de significados.

Entretanto, não somente o contexto social interfere no processo de significação, a instituição escola é também influenciadora dessa ação. É através da política que o meio social transforma-se, e por consequência disso transforma também o cidadão. A escola não deve negar seu caráter ideológico na formação de indivíduos ativos em sociedade, ou seja, não se deve separar educação e política, mas sim harmonizá-las para o bem formar dos cidadãos a fim de que estes transformem suas realidades.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução do russo Paulo Bezerra. 2^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 421 p

BERGER, Peter. & LUCKMANN, Thomas. **A construção Social da Realidade**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

FULGÊNCIO, Lúcia & GOULART, Yara Liberato. **Como facilitar a leitura**. 2^o ed. - São Paulo: Contexto, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 65^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018. 256 pp.

MCLUHAN, Marshall. **O meio é a mensagem**. Ed. Record. Tradução: Ivan Pedro de Martins & Quentin Fiore. 1969.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MORAES, Célia Maria de. Recuo da teoria: dilemas na pesquisa em educação. **Revista Portuguesa de Educação**, ano/vol. 14, n^o 001, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2001 ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 3. ed. Campinas, SP: 1996.

II ENSEL – ENCONTRO SOBRE ENSINO DE

LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR:

A SUBJETIVIDADE AINDA NO JOGO

7 E 8 DE MAIO DE 2019

ISBN: XXXX-XXXX

SILVA, Alex Sander. Fetichismo, alienação e educação como mercadoria. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n1, p.123-139, jan./jun. 2011.